

## Um mês depois da invasão, vila da Mocímboa da Praia continua nas mãos dos terroristas



Foi na madrugada do dia 12 de Agosto que um grupo de terroristas tomou de assalto o Porto da Mocímboa da Praia, até então último reduto das Forças de Defesa e Segurança (FDS) naquela vila municipal. O assalto ocorreu depois de intensos confrontos entre os fuzileiros navais da Marinha moçambicana e os terroristas, que já tinham protagonizado ataques em outros pontos da vila da Mocímboa da Praia e nas aldeias de Anga, Buji e Auasse, desde 5 de Agosto.

Apesar da falta de informações detalhadas, sabe-se que a vila da Mocímboa da

Praia, incluindo o porto local, continua nas mãos dos terroristas, faz um mês. A vila está deserta, abandonada, pilhada e destruída. A população que sobreviveu ao fogo cruzado abandonou Mocímboa da Praia e todas as instituições públicas e privadas fecharam as portas, a maioria destruída e vandalizada. O Administrador do Distrito refugiou-se em Pemba e o Presidente da autarquia foi viver para Nampula. A Estrada Nacional N°380, a principal via que liga Pemba (capital de Cabo Delgado) e o distrito nortenho de Palma (o centro das operações petrolíferas) continua fechada ao trânsito em toda

a extensão que atravessa Mocímboa da Praia, devido à falta de segurança.

No último fim-de-semana, uma coluna de viaturas militares partiu do Quartel de Mueda com um forte contingente das FDS que tinha a missão de recuperar a vila da Mocímboa da Praia. Depois de percorrer perto de 60 quilómetros, a coluna sofreu uma emboscada em Auasse, a 40 quilómetros da vila de Mocímboa da Praia<sup>1</sup>. Depois de intensos confrontos que causaram baixas de ambos os lados, o contingente das FDS teve de recuar para Mueda. Na manhã de segunda-feira, quando discursava por

<sup>1</sup> <https://cartamz.com/index.php/politica/item/6072-terrorismo-em-cabo-delgado-fds-sofrem-emboscada-em-auasse>

ocasião do 7 de Setembro, Dia da Vitória, o Presidente da República, Filipe Nyusi, fez referência ao combate travado em Auasse, mas não avançou detalhes.

A falta de segurança na EN 380 está a criar constrangimentos na circulação de pessoas e bens e a afectar sobretudo as operações petrolíferas em curso no Distrito de Palma. Antes dos ataques de Agosto, os camiões que transportam carga das empresas que operam nos projectos de Gás Natural Liquefeito (LNG) faziam a rota Pemba – Montepuez – Mueda – Auasse – Mocímboa da

Praia e Palma. Agora são obrigados a usar a via alternativa de terra batida que parte de Mueda, passa pelo distrito de Nangade e entra em Palma através do Posto Administrativo de Pundanhhar. É a mesma via usada para o transporte de pessoas e bens.

Há menos de um ano, Mocímboa da Praia era a vila mais movimentada do norte de Cabo Delgado. Atravessada pela estrada (EN 380) que liga a turística baía de Pemba com a “capital” do gás, e servida por um aeródromo com capacidade para receber voos internacionais e por um porto, Mo-

címboa da Praia era a plataforma giratória (hub) que dinamizava os distritos do norte da província. Era ali onde os trabalhadores das petrolíferas que operam na Bacia do Rovuma faziam a escala ou trocavam o avião pelo helicóptero ou mesmo pelo carro e seguiam para o “el dorado” de Palma. Era ali onde os distritos vizinhos se abasteciam com todo o tipo de produtos e bens. Com o relançamento da cabotagem, Mocímboa da Praia era paragem obrigatória dos navios que ligam Pemba e Palma (península de Afungi).

## Ataques nas aldeias e assistência humanitária aos deslocados

Além da emboscar a coluna das FDS em Auasse, os terroristas lançaram vários ataques nas aldeias, incluindo em algumas ilhas do norte de Cabo Delgado. Por exemplo, no dia 6 de Setembro, um grupo de insurgentes entrou na turística Ilha Vamizi, distrito de Palma, onde saqueou bens da população, mas sem fazer vítimas humanas. Na mesma noite, um outro grupo entrou na aldeia Manica, no Posto Administrativo de Mucojo, Distrito de Macomia, onde também saqueou bens da população, incluindo cabritos. Na aldeia de Manica, os terroristas permaneceram até ao meio-dia e não houve resposta por parte das FDS. A situação condicionou a circulação de viaturas e pessoas no troço entre Mucojo e a vila sede do Distrito de Macomia.

No dia 8 de Setembro, os insurgentes invadiram mais duas aldeias do Posto Administrativo de Mucojo em Macomia. A primeira foi Nambo, onde entraram pela quarta vez desde que iniciou a insurgência militar em Outubro de 2017. Aqui, os terroristas foram forçados a retirar-se devido à rápida intervenção das FDS, ainda assim deixaram um rasto de destruição, mataram duas pessoas e raptaram uma rapariga. Na mesma noite de 8 de Setembro, atacaram a aldeia Olumboa, onde feriram uma pessoa e queimaram quase todas as palhotas da população. O pior não aconteceu porque as pessoas fugiram da aldeia logo que se aperceberam da presença de terroristas.

Enquanto isso, o número de deslocados que fogem do conflito armado nos distritos do centro e norte de Cabo Delgado continua a subir dias após dia. O Programa Mundial para a Alimentação (PMA), a principal agência das Nações Unidas que



presta assistência humanitária em Cabo Delgado, fala de mais de 300.000 pessoas que procuram refúgio no interior da província e em outras províncias, nomeadamente Nampula, Niassa e Zambézia.

Neste momento, o PMA presta assistência alimentar humanitária a mais de 200.000 pessoas nas províncias de Cabo Delgado e Nampula, em colaboração com as autoridades locais e parceiros humanitários. A resposta do PMA consiste principalmente na distribuição de alimentos em espécie e em senhas de valor para os mais vulneráveis, no tratamento da desnutrição entre crianças e mulheres, comunicação para a mudança social e de comportamento para melhorar a nutrição e a colaboração com outras agências das


Nações Unidas, organizações não-governamentais internacionais e parceiros do Governo no estabelecimento de centros de tratamento da COVID-19.

“Considerando a escalada do conflito em Cabo Delgado e o aumento previsto do número de pessoas deslocadas, o PMA planeia aumentar a assistência aos deslocados”, lê-se no comunicado do PMA divulgado na quarta-feira. Foi nesse dia em que esta agência das Nações Unidas recebeu do Governo da Noruega um valor equivalente a um milhão de dólares para a assistência humanitária. Trata-se de um apoio que irá permitir ao PMA ajudar a 32.000 pessoas deslocadas internamente por meio de assistência alimentar em espécie por um período de dois meses.


**INFORMAÇÃO EDITORIAL:**

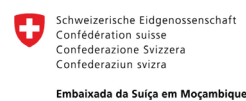
**Propriedade:** CDD – Centro para a Democracia e Desenvolvimento  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** Emídio Beula  
**Autor:** Emídio Beula  
**Equipa Técnica:** Emídio Beula, Agostinho Machava, Ilídio Nhandumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, Janato Jr. e Ligia Nkavando.  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
 Rua Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.  
 Telefone: +258 21 085 797

 CDD\_moz  
**E-mail:** info@cddmoz.org  
**Website:** http://www.cddmoz.org

**PARCEIRO PROGRAMÁTICO**


Comissão Episcopal de Justiça e Paz, Igreja Católica


**PARCEIROS DE FINANCIAMENTO**


Embaixada da Suíça em Moçambique



Kingdom of the Netherlands



Supporting freedom around the world

